



Comunicação e Trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção¹

Communication and Work: Productive Theoretical Binomial for the Reception Research

Roseli Figaro^(*)

Universidade de São Paulo - Brasil

figaro@uol.com.br

Resumo

Este artigo apresenta os fundamentos teóricos e metodológicos de uma abordagem ergológica da área da comunicação. Para cumprir este objetivo, destaca a atividade humana como intrínseca aos conceitos de trabalho e de comunicação, compondo, desta forma, o binômio comunicação e trabalho. Salienta como, na pesquisa de recepção, tal abordagem revela-se produtiva e como está sendo aplicada em pesquisa de comunicação no mundo do trabalho.

Palavras-chave: *comunicação, mundo do trabalho, estudo de recepção, ergologia.*

Abstract

This article presents theoretical and methodological basic ideas of an ergology approach on the communication area. To fulfill this objective, it highlights the human activity as being intrinsic to the communication and work concepts, composing, this way, the binomial communication and work. It emphasizes how, in the reception research, such approach proves productive and how it is being applied in work communication research.

Keywords: *communication, work, study of reception, ergology.*

¹ Uma versão inicial desse artigo foi apresentada ao Encontro da Associação dos Programas de Pós-graduação em Comunicação do Brasil, em 2008.

INTRODUÇÃO

A Comunicação é uma área do saber cuja especificidade é ser atravessada por outros campos do conhecimento: a Filosofia, a Sociologia, a História, a Economia, os Estudos de Linguagem, a Psicologia, a Antropologia, a Matemática, a Engenharia, a Administração, o Direito, etc. A área de Comunicação mobiliza os diferentes saberes anteriormente explicitados com o objetivo de conhecer o processo comunicativo e os modos de produção dos suportes e dos conteúdos comunicacionais, bem como a conexão, a relação, a dependência e a influência que sofrem, exercem e compactuam com e na sociedade.

A relevância da área da Comunicação dá-se devido à amplitude do próprio conceito, na medida em que operá-lo, teórica e metodologicamente, permite-nos estudá-lo na dimensão de característica constitutiva do humano; de relação intersubjetiva mediada por diferentes linguagens e suportes; de construção de sentidos; de competência comunicativa; de função técnica e operativa para a elaboração de discursos em diferentes formações discursivas; de aparato técnico-tecnológico que permite conectar, transmitir e operar informações em redes entre pessoas e entre pessoas e máquinas.

As pesquisas que privilegiam a reflexão teórica na área da Comunicação têm grande potencial de contribuição no que diz respeito às políticas públicas. Estas entendidas de maneira ampla: desde a contribuição sobre modelos tecnológicos a serem adotados na implantação de novas mídias, até as políticas de controle social sobre as concessões públicas às empresas de comunicação; formação de públicos; política educacional; políticas de comunicação e cultura de instituições públicas, governamentais e privadas, etc.

Vale destacar a importância da área para a economia do país. Dados de um diagnóstico organizado por pesquisas realizadas entre 2000 e 2006, tanto pelo Ministério da Cultura quanto pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), dizem respeito à força da indústria cultural como produtora de bens e oportunidade de trabalho.

Uma radiografia foi recentemente publicada pelo IBGE (2006) com base em dados de 2003, e denomina-se *Sistema de Informação e Indicadores Culturais - 2003*. Esses dados revelam que o setor da cultura (indústria, serviços e comércio) congrega 3,5% do mercado formal de mão-de-

obra assalariada do país, ou seja, 1.007.158 trabalhadores; e representa 5,2% das empresas formalmente constituídas (IBGE, 2006).

Os trabalhadores desse setor são jovens, 80% deles têm até 40 anos. Eles têm escolaridade mais alta do que a dos demais trabalhadores. Em média 16,8% dos trabalhadores do setor cultural passaram pelo ensino superior, enquanto 13,8% dos trabalhadores dos demais setores o fizeram. No que diz respeito ao segundo grau, 32,6% dos trabalhadores do setor concluíram esse ciclo, e apenas 23,3% dos trabalhadores dos demais setores chegaram a fazê-lo (Alvarez, G. O., 2003: 300).

Como setor organizado economicamente, está em ascensão, congrega tecnologia, mão-de-obra mais escolarizada, tem salários melhores e espelha a concentração da produção e da distribuição de bens simbólicos no Brasil. Características que repercutem nos estudos acadêmicos da Comunicação, tornando-os ainda mais necessários.

O conjunto de fatores aqui tratados permite formular a hipótese de que a área da Comunicação vem adquirindo tal dimensão de possibilidades de estudo devido às mudanças oriundas da maior presença das novas tecnologias de informação e de comunicação no cotidiano das pessoas, especialmente no mundo do trabalho; bem como da percepção da relevância e do uso dos processos de comunicação na organização da produção, na gestão do trabalho, na produção e distribuição de bens, na alteração dos perfis profissionais e mesmo no aparecimento de novas profissões.

A partir desse cenário é que formulamos a hipótese teórica de aproximação dos conceitos de comunicação e trabalho. Hipótese investigada por meio de pesquisas teórica e empírica que vimos desenvolvendo no Programa de Pós-graduação em Comunicação da ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo), com apoios institucionais da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da USP.

Neste artigo, propomos uma reflexão sobre as teorias de comunicação, tendo como pano de fundo o trabalho industrial e o modelo taylorista de organização do trabalho. A seguir, discutimos o conceito de trabalho, mostrando quanto ele pode ser ampliado se o analisarmos a partir da atividade humana. Em seguida, tratamos do binômio comunicação e trabalho

tendo-o por unidade que nos permite problematizar o papel da comunicação nas relações inter-pessoais, nas organizações, e no conjunto da sociedade contemporânea. Finalmente, discutimos as possibilidades teóricas e empíricas que se abrem para os Estudos de Recepção ao adotarmos o referencial da Ergologia.

1. AS TENDÊNCIAS DOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

As teorias sobre a comunicação apareceram ao longo do século XX, notadamente após a Segunda Grande Guerra, como exigência explicativa das mudanças profundas na vida cultural advindas da presença dos meios tecnológicos de comunicação.

O telégrafo, o telefone, a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão são produções do final do século XIX e da primeira metade do século XX. Estas invenções foram impulsionadas pela acumulação de capital, pelo crescimento das cidades, pelo modo de vida urbano, pela expansão da imprensa e pela industrialização.

Com as máquinas de comunicar, o homem redimensionou o mundo de maneira a transgredir as noções pré-estabelecidas de tempo e de espaço. O conceito de comunicação foi potencializado com os sentidos de mobilidade, transporte, ligação, troca, transmissão, contato, fluxo, dando origem a diversas correntes que teorizaram sobre a cultura emergente e as funções dos meios de comunicação.

1.1. Comunicação como fluxo de informação

Contribuições efetivas foram produzidas nesse campo desde o físico Evin Bauer e o biólogo L. Von Bertalanffy, entre os anos 20 e 30 do século XX, com a teoria dos sistemas. Depois pelos matemáticos Claude Shannon e Warren Weaver com a publicação, em 1948, de Teoria Matemática da Informação; bem como de Norbert Wiener definidor de Cibernética como comunicação e controle entre máquinas e homens (1948).

Simultaneamente, tivemos as contribuições, na área das ciências humanas, de Harold Lasswell, nos anos 40, cujo programa de pesquisa definiu-se a partir das perguntas: quem?, diz o quê?, como?, a quem?, com que efeitos? Depois Paul Lazarsfeld se dedicou a pesquisas de opinião,

sendo precursor dos medidores de audiência. Eles fizeram escola e toda uma corrente de teóricos (Katz, Merton, Berelson, Wright) desenvolveu pesquisas a partir da concepção de função e efeitos dos meios de comunicação. Os teóricos da Escola Funcionalista mostraram com suas pesquisas que os meios de comunicação fazem o agendamento dos temas de discussão na sociedade. Avançaram das primeiras noções de agulha hipodérmica e behaviorista da comunicação direta e individualizada, para a noção dos líderes de opinião e do agendamento de temas.

Nos anos 60, o deslumbramento da sociedade com a televisão e as novas possibilidades de produção da imagem influenciaram teóricos como Marshall McLuhan, criador da metáfora da *aldeia global* e da concepção de que os *meios são a mensagem*. De certa maneira, na atualidade, os teóricos da cibercultura e do pós-humano dão continuidade a essa visão do privilégio das tecnologias em relação ao ser humano.

Foi na Alemanha que apareceu uma corrente de pensamento crítica aos meios de comunicação. Organizou-se, em 1923, em Frankfurt, o Instituto de Pesquisa Social. Em 1931, o Instituto passou à direção de Max Horkheimer e a ser conhecido como a Escola de Frankfurt. Os intelectuais que ali se organizaram discutiam os conceitos de indústria cultural, de manipulação e de poder (Adorno, Th.W. e Horkheimer, M., 1947) com base na crítica à produção capitalista dos meios de difusão cultural, ou seja, ao uso dos aparelhos e das técnicas de produção e transmissão, orientados pela lógica da reprodução técnica, da massificação e da banalização da cultura e da arte: fotografia, cinema, rádio. É incontestável a contribuição dos pensadores dessa corrente, expressivamente, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin. Este último introduziu uma variante crítica ao conceito de indústria cultural (Benjamin, W., 1994), cuja formulação permite separar a lógica da mercadoria da técnica de reprodução do bem cultural. J. Habermas é tido como o herdeiro da Escola de Frankfurt. Ele fez a crítica ao declínio do espaço público, tomado pela lógica do mercado, e desenvolveu conceitos polêmicos como razão comunicativa e ação comunicativa. A Teoria Crítica contribuiu para a análise macro-social crítica da sociedade moderna, inserindo o estudo dos meios de comunicação no cenário da história das relações sociais.

Essas correntes teóricas, das quais saíram diferentes tendências, desenvolveram suas análises tendo como pano de fundo as mudanças trazidas pela introdução de novas tecnologias na produção de bens materiais

e culturais. Tais mudanças alteraram a face do mundo do trabalho e deram origem à sociedade industrial. O trabalho industrial, a vida urbana, a formação de grandes cidades, a produção em larga escala para o consumo de massa embasaram as propostas teóricas sobre a Comunicação. A organização científica do trabalho, os métodos de medição do ritmo de execução de tarefas e da capacidade de produção do operário, introduzidos por F. Taylor e, adaptados por H. Ford, na primeira metade do século XX, tinham como finalidades a eficácia do fluxo e da transmissão na linha de produção. Ponto de vista também presente nas análises da Comunicação.

Se fizermos um paralelo entre o pressuposto taylorista sobre o trabalho e as Teorias de Comunicação, verificaremos que ambos partem de conceitos similares sobre o sujeito. Na linha de produção existe um indivíduo. Aquele que executa a operação mensurada e padronizada por um outro. Para o Taylorismo a história pessoal, os valores, a cultura do indivíduo não interessam ao trabalho, eles devem ser obliterados. As operações mecanizadas devem interditar o pensamento. O homem é um operador. Para as Teorias de Comunicação, advindas das correntes teóricas acima descritas, o mesmo acontece. O fluxo de informação, o canal e o código são prioritários em relação aos sujeitos, tomados individualmente e separadamente de seu contexto sócio-histórico; ou então como massa incapaz de atitude crítica. O indivíduo tomado como massa ou como corpo biológico que responde a estímulos não pensa por si, é manipulado pelo poder que emana dos meios de comunicação.

A origem desse pensamento faz parte de uma tradição teórica. E está presente ainda hoje quando se trata de comunicação e de trabalho.

1.2. A comunicação como linguagem

Mas o que faz do homem um ser de comunicação?

Responder a esta questão demanda nos posicionarmos contrariamente às abordagens de comunicação apenas como sinônimo de troca de informações, sejam elas de quaisquer tipos: energia, bits, luz, líquidos, alimentação, sinais (concepção da engenharia, da biologia, da bioquímica, da medicina, da física, etc.). A Comunicação como área pluridisciplinar, atravessada pelas ciências, é um campo eminentemente do simbólico. Diz respeito às relações entre sujeitos e subjetividades, numa sociedade complexa e tecnológica.

No entanto, o reducionismo do simbólico à linguagem verbal como estrutura autônoma também pode nos levar a incompreensão.

O Estruturalismo, corrente teórica influenciada pela Semiologia, deslocou o estudo da comunicação para a análise da estrutura dos signos. A língua, a partir de Ferdinand de Saussure, fundador da Lingüística, é um objeto de estudo e como tal portadora da estrutura e da organização da comunicação humana específica e superior em relação aos outros animais. Para os primeiros semiólogos, herdeiros de Saussure, a estruturação e o funcionamento da língua é o que interessa à semiologia. A língua foi tomada como objeto de estudo em sua sincronia. A fala, ou seja, o uso da língua por seus falantes, e a diacronia foram elementos inicialmente descartados pelos lingüistas. A mensagem passou ao centro das análises. O interesse era o de saber como o texto se estruturava internamente e de maneira autônoma para expressar o fato. Um texto deveria poder ser descrito sem referências às intenções de seu autor, sem referências sociais ou históricas senão àquelas já presentes no próprio texto.

Roland Barthes, Roman Jakobson, Umberto Eco são alguns dos grandes nomes que deram vida aos diferentes matizes teóricos originados a partir do Estruturalismo. Benveniste (1966: 130) ampliou o estudo da lingüística ao afirmar: “a língua como ‘instrumento’ de comunicação, cuja ‘expressão’ é o discurso”. Louis Althusser e Herbert Marcuse influenciaram toda uma geração aproximando o Estruturalismo aos conceitos marxistas e à obra de Freud. A Análise do Discurso de linha francesa nasceu desse encontro. Foi a Análise do Discurso, a partir de Michel Pêcheux e, depois, com a influência da obra de Mikhail Bakhtin, que recolocou a história e o sujeito na abordagem do texto, entendendo-o como discurso.

Umberto Eco aproximou-se da semiótica e do pragmatismo de Charles S. Peirce, transcendendo a análise do texto verbal para todo o tipo de texto - o verbal e o não-verbal. Todo “objeto” produzido na sociedade é um “objeto” para a análise semiótica. Vale destacar, mesmo de forma resumida, que Peirce (2003: 46), ao propor sua teoria geral dos signos, definiu signo como “aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”, cuja existência é dada a partir da relação triádica entre o signo, o objeto e o interpretante. Peirce traz para dentro das teorias dos signos o problema da realidade e de seu interpretante. Muito embora, esta questão

seja tratada no âmbito da lógica. Para ele, “a lógica é (...) apenas um outro nome para semiótica”.

Será a Escola Analítica Inglesa, por meio principalmente de Austin, a recolocar a questão de como se relacionam realidade e linguagem. “Para Austin, há uma realidade objetiva a ser referida e significada...” (Araújo, I. L., 2004: 128). Essa escola teórica, tal como Wittgenstein, tem por objeto de estudo a linguagem ordinária do cotidiano. Austin, ao situar sua preocupação nos “atos de fala” da linguagem ordinária, busca classificar os “diversos tipos de usos de atos de fala”. No afã talvez de provar seu próprio enunciado: *dizer é fazer*.

A polêmica sobre a importância do “referente” será a linha demarcatória entre as diferentes correntes da lingüística e da semiótica. O que interessa à abordagem de comunicação e trabalho é a compreensão de que a realidade está na linguagem por meio do percurso sócio-histórico e cultural da experiência humana. Ou seja, a realidade é cognoscível e como tal torna-se realidade *fabricada* pela capacidade humana de atividade. Diferentemente do objeto da lingüística e da pragmática, para a Comunicação a linguagem interessa pelo seu potencial de dar a conhecer como se estabelecem as redes de relações, quais e como circulam os valores e os pontos de vista nos quais se fundamentam a cultura na sociedade contemporânea.

1.3. Comunicação a partir da cultura

É da teoria literária inglesa (F. R. Leavis, década de 30) que vieram Raymond Williams e Richard Hoggart, fundadores, nos anos 60, da corrente denominada Cultural Studies, do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham. Além dos dois já citados, Edward. P. Thompson e Stuart Hall também eram membros do grupo de pesquisadores que deu início aos Estudos Culturais. A cultura para eles é um conceito de convergência de abordagens antropológica e sociológica. A cultura como *espírito formador e ordem social global*, sistema de significações a partir do qual uma ordem social é comunicada, produzida, vivenciada. Essa combinação destacou o sujeito da comunicação como produtor de sentido, como leitor e elaborador de mensagens; dando destaque para a influência ao grupo cultural e ao meio no qual o sujeito está imerso, e, portanto, considerando-o como um ser pleno de relações.

A experiência de Williams com a alfabetização de trabalhadores adultos e a influência do pensador italiano Antonio Gramsci tiveram um peso especial na formulação do Cultural Studies. O *trabalho* não aparece como conceito, mas como problema e objeto empírico que merece ser estudado, por exemplo, os sujeitos trabalhadores. Neste sentido, há um avanço em relação às demais correntes, pois o conceito de cultura é pautado pela historicidade em conformidade com as diferentes maneiras de produzir a vida em sociedade. O trabalho é notado a partir dos sujeitos de pesquisa.

Essa corrente de pensamento influenciou a abordagem latino-americana da comunicação, representada por teóricos como Jesús Martín-Barbero e Nestor García-Canclini, dando relevância às pesquisas de recepção e ao conceito das mediações culturais. Essa abordagem desloca o interesse dos estudos da comunicação das tecnologias, dos veículos e das mensagens, para tratar das mediações, ou seja, o sujeito e seu meio cultural e social. É aí que acontece a comunicação. Não se trata de audiência, de pesquisa de opinião, de efeitos dos meios de comunicação, trata-se de criação, compreensão, apropriação, re-elaboração. O receptor, para usar conceitos da Análise do Discurso, é o enunciador/enunciatário das mensagens.

Outras correntes importantes têm enfoque na Psicologia e estão voltadas para o estudo da comunicação a partir das motivações, do funcionamento cognitivo, da dinâmica relacional, dos papéis sociais e dos rituais. O enfoque é eminentemente da comunicação inter-pessoal. A Escola de Palo Alto é expressão maior dessas correntes. Dortier afirma que:

“Designa-se [Escola de Palo Alto] os autores agrupados em torno de Gregory Bateson, Paul Watzlawick e Edward T. Hall, interessados na comunicação inter-pessoal, na comunicação não-verbal e nas formas de comunicação patológica” (Dortier, J.-F., 1998: 19)².

Como se vê a história do pensamento comunicacional é a história de uma série de correntes teóricas, com contribuições importantes, mas que não articulam o micro ao macro-social à característica pluridisciplinar da comunicação e à sua multiplicidade de objetos de pesquisa.

² Tradução livre do francês: “On désigne ainsi les auteurs regroupés autour de Gregory Bateson, Paul Watzlawick et Edward T. Hall, qui se sont intéressés à la communication interpersonnelle, à la communication non verbale et aux formes de la communication pathologique”.

Em 1985, Dominique Wolton escreveu um relatório sob encomenda do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), da França, no qual afirmava que “uma política científica deveria ser impulsionada no setor”, mas ao mesmo tempo reconhecia que a comunicação “não pertence a um campo científico específico, é por natureza pluridisciplinar”. Ele afirmava ainda que o estudo da comunicação concerne a três grandes setores: neurociências, ciências cognitivas e ciências sociais, bem como a uma série de disciplinas tais como: filosofia, antropologia, sociologia, geografia, história, direito, ciências políticas, psicologia, lingüística e psicossociologia. O balanço e diagnóstico sobre os estudos na área, feito por Wolton, também comportavam indicações sobre os diferentes objetos de estudo da comunicação. Ele indicava ao menos sete abordagens para estudo: a primeira seria o que Wolton chamou de comunicação natural, intersubjetiva, entre seres humanos. A segunda seria a comunicação de massa, aquela feita pelos veículos de comunicação: a imprensa, a televisão, a publicidade. Outra seria o campo de estudo relativo à interculturalidade, ou as relações entre identidade e comunicação. Um outro seria o estudo dos efeitos sociais e da história das técnicas de comunicação como, por exemplo, o telefone, a informática, a televisão, a multimídia. Ele afirma ainda que certas questões relativas à comunicação são transversais, caso da retórica e da argumentação, da comunicação pública e comunicação institucional. Um último campo de estudo, para Dominique Wolton, seria o do funcionamento do espaço público e da comunicação política. Finalmente, ele vaticinava:

“A comunicação é um domínio no qual as resistências à análise são fortes, porque cada um já o crê conhecer. É um dos mais promissores canteiros econômicos, culturais e intelectuais do século que se aproxima” (Wolton, D., 1998: 49-51).

Percebe-se o esforço de Wolton em definir um campo de estudos, os objetivos teóricos e empíricos. Passados 20 anos, percebe-se que a problemática posta por Wolton continua atual, embora sejam amplas as balizas por ele desenhadas, mesmo que haja um esforço frenético no meio acadêmico em estreitá-las, o que se pode explicar recorrendo-se a Bourdieu (1983: 122) e ao seu conceito de campo científico.

2. TRABALHO

Karl Marx propôs uma compreensão da história a partir do desenvolvimento dos meios de produção, uma análise *materialista da história*. Em *O Capital*, ele destaca o trabalho como necessidade física da vida humana. Dominique Efos (2002) comenta esse aspecto afirmando que o trabalho é uma atividade humana e cita Marx:

“O processo de trabalho - a atividade que tem por alvo a produção de valores de uso, (...) é a condição geral das trocas materiais entre o homem e a natureza, uma necessidade física da vida humana, independente por isto mesmo de todas suas formas sociais ou mais precisamente comum a todas elas” (Marx, K., 1969: 141-142, em Efos, D., 2002: 17)³.

O trabalho é uma atividade que tem por alvo a produção de *valores de uso* e é condição e *necessidade física* da vida humana, portanto a relação homem / natureza se objetiva por meio *do fazer* necessário para a sobrevivência. Dessa forma, o conceito de trabalho transcende a definição que o enquadra como relação de troca remunerada, regida pelo Direito, numa sociedade de mercado.

Borges (2006: 70-71), citando Schwartz (2000) e Louboutin (2006), ressalta a dimensão histórica e antropológica do conceito. O regime assalariado de trabalho só aparece muito recentemente, entre os séculos XVIII e XIX. Pela primeira vez na história teremos noção de conceitos tais como: emprego, salário, desemprego, horário de trabalho e horário de lazer. Próprios de uma organização social especializada. Ou seja, a definição de trabalho, mediante troca de valor monetário, restringe-se a uma dimensão do trabalho que é aquela do sistema capitalista. Se nos restringirmos a essa conceituação não seremos capazes de compreender a dimensão complexa que existe na atividade de trabalho.

A abordagem ergológica⁴ permite situar de maneira ampla o conceito de trabalho porque o remete à atividade humana. *Ergon*, do grego, ação, criação, obra de arte, dá dimensão criadora à *atividade humana*. Nesse

³ Tradução livre do francês: “Le procès de travail - l’activité qui a pour but la production de valeurs d’usage, (...) est la condition générale des échanges matériels entre l’homme et la nature, une nécessité physique de la vie humaine, indépendant por cela même de toutes ses formes sociales, ou plutôt également commune à toutes”.

⁴ Para uma história do uso da palavra ergologia ver Vatin (2006).

sentido, o trabalho é criação fruto da relação do homem com seu meio. A atividade comporta a noção de movimento, de continuidade, de transformação e de relação.

Léontiev trata a atividade como: “*activité vitale*” (Léontiev, A., 1976: 13), mediadora, nos seres vivos, desde os mais elementares, das relações entre os organismos e as propriedades do meio do qual dependem a conservação e o desenvolvimento de sua vida. Estas palavras iniciais de Léontiev permitem compreender a especificidade da vida animal e especialmente da vida humana.

A atividade humana é uma atividade particular que dota o homem de um psiquismo específico, caracterizado por propriedades fundamentalmente diferentes. A passagem à consciência humana está fundada na passagem às formas humanas de vida e de atividade de trabalho. Léontiev afirma,

“No mundo animal, as leis gerais que governam as leis do desenvolvimento psíquico são aquelas da evolução biológica; quando se chega ao homem, o psiquismo é submetido às leis do desenvolvimento sócio-histórico” (Léontiev, A., 1976: 61)⁵.

Para o autor a aparição do trabalho é intrínseca à condição da existência do próprio homem. A atividade humana é particular e específica e caracteriza a capacidade humana de criar, planejar, aprender, memorizar.

Para a abordagem ergológica a atividade humana é a manifestação da vida humana. O trabalho em sentido amplo é tomado como atividade humana, capaz de transformar o meio em um meio humano.

A Ergonomia de língua francesa deu expressiva colaboração para se pensar a atividade humana ao tomar como objeto de estudo o trabalho na indústria e nas organizações contemporâneas. Seus estudos verificaram que, entre o trabalho prescrito pelas normas antecedentes (manuais, regras de utilização de materiais e máquinas, divisão e organização do processo de trabalho) e o trabalho realmente realizado, no momento exato de sua realização, existe uma *distância (lacuna)* (A. Wisner). Esta distância, é o dado

⁵ Tradução livre do francês: “Dans le monde animal, les lois générales qui gouvernent les lois du développement psychique sont celles de l'évolution biologique; lorsqu'on arrive à l'homme, le psychisme est soumis aux lois du développement socio-historique”.

inusitado do trabalho, é fruto da *gestão* própria, de *si mesmo*, do ser humano que trabalha, resolvendo os confrontos impertinentes à situação real de trabalho. Essa distância é a prova da particularidade da atividade humana de trabalho. Nas palavras de Perrier:

“É na distância (lacuna) entre prescrito/real do trabalho que os ergonômistas observaram um processo universal de gestão do aleatório, do incidental: a atividade em geral. Sua forma poderia ser concebida como *trabalho* no sentido de uma *tensão* para ajustar permanentemente os constrangimentos prescritos antecipadamente (normas, obrigações, objetivos) aos recursos reais disponíveis (meios, reservas subjetivas, escolhas, valores) assim como às situações encontradas” (Perrier, A., 1997: 116)⁶.

O trabalho é atividade humana que comporta uma herança cultural e história das técnicas, da experiência das gerações passadas e da experiência pessoal o que permite ao homem uma transcendência criativa.

Yves Schwartz afirma que “toda a situação de trabalho é singular”⁷. Dessa forma, o uso que o sujeito faz de si no trabalho é singular. A consciência da singularidade do uso de si próprio permite a objetivação e a desnaturalização das atividades de trabalho. O sujeito no trabalho coloca-se por inteiro em atividade. Ele põe em movimento a energia de seu corpo, seus sentidos, sua experiência física e intelectual - o corpo em relação ao meio, aos instrumentos e técnicas. Ele também aciona suas relações com o meio social, seus parceiros de trabalho, os colegas, os chefes e superiores. Convoca também as relações com seu grupo social: a família, o bairro, sua história de vida. Como afirma Jacques Duraffourg

“Não se pode postular a independência da vida de trabalho em relação à vida pessoal das pessoas; é um todo indissociável no qual todas as partes comunicam-se de maneira permanente” (Duraffourg, J., 2003: 33)⁸.

⁶ Tradução livre do francês: “C’est dans cet écart prescrit/réel du travail que les ergonomes ont observé un processus universel de gestion de l’aléatoire, de l’incidentel: l’activité en général. Sa forme pouvait être conçue comme *travail* au sens d’une *tension* pour ajuster en permanence les contraintes prescrites anticipées (norme, obligations, objectifs) aux ressources réelles disponibles (moyens, réserves subjectives, choix, valeurs) ainsi qu’aux situations rencontrées”.

⁷ Anotação de comunicação em aula no Departamento de Ergologia da Universidade de Provence, 21-09-2006.

⁸ Tradução livre do francês: “on ne peut pas postuler l’indépendance de la vie de travail par rapport à la vie personnelle des gens; c’est un tout indissociable dont toutes les parties communiquent de façon permanente”.

A Ergologia propõe aproximar-se desse mundo complexo que é o homem e sua atividade de trabalho. Complexidade desconsiderada pelo taylorismo, pela chamada organização científica do trabalho e mesmo pelo toyotismo.

2.1. Existe trabalho sem sujeito?

Trabalhar, no sentido ergológico, é gerir um conjunto de fatores presentes em um determinado momento e espaço, em benefício de um objetivo a construir. Schwartz afirma que “trabalhar, é gerir (*travailler, c’est gérer*)”. É, sobretudo, administrar-se como sujeito em atividade, ou seja, fazer uso de si como *corpo físico* e como si (*soi*). Nas palavras de Schwartz *corps-soi*. Essa maneira de abordar o sujeito permite compreender melhor a complexidade que envolve a atividade de trabalho. *Sujeito* é um conceito muito desgastado na visão de Yves Schwartz e incapaz de revelar o que lhe é inerente. Por isso, adota *corpo-si*. *Corpo-si*, como físico que apreende o conjunto de forças que propicia a vida, a condição de Ser Vivo que se relaciona com seu meio físico. E *corpo-si* como história pessoal, a herança cultural, a consciência, a razão particular contida em cada ato. Ou como afirma Schwartz:

“*O corpo-si é a história, a história da vida, da espécie, da pessoa, é a história dos reencontros sempre renovados entre um ser em equilíbrio mais ou menos instável e uma vida, social, com seus valores, suas solicitações, seus dramas. O corpo-si é história, história como memória sedimentada, organizada nas miríades de circuitos da pessoa; mas também história como matriz, energia produtora do inédito: na medida em que a finalidade renormalizadora é às vezes imposta ao ser -o meio ‘infidel’, como ‘reencounter’ reclama que se escolha se escolhendo tal ou qual maneira de o tratar-, e, ao mesmo tempo, requerido como exigência de vida, como apelo nele de saúde, utilizando-o sem repouso para tentar transformar o que é objetivamente para ele meio (ambiente) (*umgebung*) no que poderia torná-lo o seu meio (ambiente) (*Umwelt*)” (Schwartz, Y., 2000b: 664)⁹.*

⁹ Tradução livre do francês: “*Le corps-soi, c’est l’histoire, l’histoire de la vie, du genre, de la personne, c’est l’histoire des rencontres toujours renouvelées entre un être en équilibre plus ou moins instable et une vie, sociale, avec ses valeurs, ses sollicitations, ses drames. Le corps-soi est histoire, histoire comme mémoire sédimentée, organisée dans la myriade des circuits de la personne; mais aussi histoire comme matrice, énergie productrice d’inédit : dans la mesure où la visée renormalisante est à la fois imposée à l’être -le milieu ‘infidèle’, comme ‘recontre’ il réclame qu’on se choisisse en choisissant telle ou telle façon de la traiter-, et en même temps requise comme exigence de vie, comme appel en lui de santé, l’outillant sans relâche à essayer*”

A atividade põe em movimento *o corpo-si* como unidade capaz de revelar a história de longa duração inscrita no corpo humano e da inteligência da mobilização de saberes construídos pelas gerações passadas; e em sua especificidade, como pessoa, indivíduo de um tempo determinado, com uma trajetória particular.

A atividade de trabalho é o momento maior de expressão da capacidade do corpo-si. É na atividade que o corpo-si completa-se. Na atividade de trabalho o corpo-si revela-se como um ser particular e um ser social. Revela o *si* como o próprio e o *si* contribuição do outro que reside na nossa história.

Schwartz afirma ainda que: “a vida, mais precisamente a atividade, e bem mais explosivamente ainda a atividade industriosa, não se prestam a essa legibilidade dócil. (...) A atividade de trabalho propõe, convoca, impõe escolhas e arbitragens” (Schwartz, Y., 2000b: 81)¹⁰. Para ele, “analisar a atividade implica um modo de acesso aos valores”. Dessa afirmação, compreendemos que a atividade de trabalho se desenvolve num chão de valores, sobre o qual as escolhas se operam. Cada pessoa em atividade de trabalho faz escolhas, desde as restritas ao âmbito de seu próprio corpo em movimento; até aquelas que demandam e envolvem a vida e o futuro de outras pessoas. Essa responsabilidade tornada consciência teria, talvez, conseqüências bastante positivas para a vida em comum, para o viver bem em conjunto com outros.

Schwartz chama de *dramáticas do uso de si por si mesmo e por outro* (Schwartz, Y. et Durrive, L., 2003: 261), o uso que fazemos de nós mesmos e o uso que *o outro* faz de nós para a execução do trabalho. Entendemos por *dramática* o movimento entre norma prescrita, infidelidade do meio, re-normalização e atividade singular. Esta contradição inerente *a toda* a atividade de trabalho, própria da vida, é potencializada com o conflito entre as diferenças sócio-econômicas, pela apropriação mercantil do trabalho, pela exploração, pela desvalorização do trabalho. A contradição e o conflito são geridos e negociados a todo o momento, isso é a atividade humana de tra-

de transformer ce qui est objectivement pour lui milieu (*umgebung*) en ce qui pourrait en faire son milieu (*Umwelt*)”.

¹⁰ Tradução livre do francês: “Mais la vie, plus précisément l’activité, et bien plus explosivement encore l’activité industrielle, ne se prêtent pas à cette lisibilité docile. (...) L’activité de travail propose, convoque, impose des choix et des arbitrages”.

balho, é o corpo-si, expressando-se na dimensão dialética do micro/macro-social.

A partir dessas reflexões, podemos afirmar que a abordagem ergológica nos permite tratar de comunicação e trabalho como um binômio fundamental da atividade humana e, nessa perspectiva, entendemos que comunicação e trabalho se completam.

3. A COMUNICAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Estudar a comunicação no mundo do trabalho permite entender a partir de que valores as pessoas fazem suas escolhas; como se constituem os coletivos de trabalho que estão fora do enquadramento do organograma da empresa; como se constituem as redes de ajuda e solidariedade na resolução de problemas e tarefas. É, ainda, compreender como o mundo do trabalho transborda de seu meio e abarca outros espaços sociais, tais como a casa, o bairro, a mídia, etc.

Trabalhar é, todo o tempo, trabalhar junto. O outro está presente seja como parceiro de trabalho, seja representado pelas normas e prescrições da hierarquia, seja pelo conhecimento técnico e tecnológico acumulado ou pela experiência registrada na linguagem. *Trabalhar é gerir o uso de si por si mesmo e de si pelo outro*, estabelecendo redes de comunicação, formando laços de confiabilidade, construindo valores.

Se trabalhar é sempre trabalhar com o outro e comunicar é relação, troca, re-elaboração, podemos afirmar que ambos, comunicação e trabalho, atuam na construção dos conjuntos de valores que se renovam ou se cristalizam a cada escolha feita, a cada decisão do uso de si por si mesmo. As pessoas, a todo o momento, fazem escolhas a partir das condições e dos valores que construíram ao longo de suas histórias de vida, nas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Elas criam suas redes de relações e se apropriam dos discursos que circulam no meio de trabalho delas e na sociedade.

A abordagem ergológica de comunicação e trabalho destaca a relação dialética existente entre o micro e o macro-social. Esta perspectiva teórica propicia entender o trabalho em acepção ampla –como atividade humana– permite ao trabalhador e, portanto, ao sujeito ser de comunica-

ção, ocupar o lugar que ele merece nas pesquisas. Nem superestimando suas potencialidades, nem o relegando à condição de massa de manobra, a ser enquadrado pela retórica seja das empresas onde trabalha, seja dos meios de comunicação dos quais se serve.

Comunicação e trabalho como binômio possibilita estudos principalmente em dois eixos ou programas de pesquisa:

a) com o objetivo de conhecer melhor a atividade de trabalho, portanto, o mundo do trabalho; e

b) entender melhor as relações de comunicação, o processo de comunicação, os sujeitos (*corpo-si*) da comunicação.

A dimensão de comunicação e trabalho como atividade humana singular, resultada de um processo dinâmico na ontogênese e na filogênese da história, requer que nos coloquemos diante da realidade a conhecer de uma maneira mais aberta e menos pretensiosa.

A abordagem ergológica quer destacar a complexidade existente na atividade humana para, no exercício do conhecimento, manter-se coerente e consciente da imensurabilidade e ineditismo do real, cujo conhecimento está sempre em processo. E, por outro lado, trazer à cena o quanto é redutora e dogmática a visão funcional que se tem da atividade de trabalho.

O conhecimento do ponto de vista da abordagem ergológica é um exercício no qual se problematizam os conceitos, friccionando-os na dimensão da experiência, no confronto da norma prescrita e da re-normalização. A Ergologia convoca diferentes disciplinas para refletir sobre o trabalho como atividade humana. Ao propor-se como uma abordagem que estuda a atividade humana, a Ergologia convoca também, um segundo eixo, o qual denomina de saberes investidos, formulados a partir da experiência, ou seja, a força de um saber específico que demanda sobre os problemas da realidade. E ainda convoca um terceiro eixo que é o do desconforto intelectual, aquele do questionamento, da fricção entre os valores e do diálogo entre os conceitos epistêmicos das disciplinas constituídas e da experiência dos saberes investidos. A relação entre estes eixos, Schwartz denomina de *Dispositivo dinâmico em três pólos*. O encontro entre eles permite problematizar e conhecer, mesmo que sempre de maneira

parcial¹¹, a complexidade da atividade humana e, nesse sentido, a atividade de trabalho.

Portanto, a Ergologia não reivindica um *status* de ciência, mas o de abordagem teórico-prática capaz de problematizar a complexidade da atividade humana e distinguir os diferentes fatores pertinentes a ela. Propõe uma postura epistemológica que coloca em fricção os conceitos das disciplinas científicas (abstratos, não-aderentes) com os conceitos da experiência (da vida, aderentes)¹².

Se aplicarmos ao nosso objeto de estudo o Dispositivo dinâmico em três pólos da abordagem ergológica, representando-o no esquema de Schwartz, adaptado por Durrive, teremos em termos do nosso objeto de pesquisa a representação que segue:

¹¹ É importante esclarecer que a parcialidade do conhecimento sobre a atividade humana diz respeito ao ineditismo sempre presente na ação do sujeito; diferentemente da abstração da linguagem matemática, por exemplo.

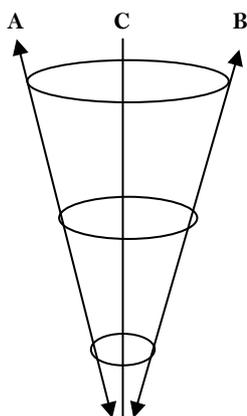
¹² Schwartz trata dessa questão como epistemologia/ergologia, ou seja, a atividade é a baliza para o re-trabalho dos conceitos.

Gráfico 1. Dispositivo dinâmico em três pólos

Eixo A Saberes e valores construídos no universo científico (<i>savoir institué</i>) (Teorias da Comunicação e outras disciplinas)	Eixo B Saberes e valores da experiência, adquiridos na atividade (<i>savoir investi</i>)
--	--

Eixo C - Pólo do questionamento

Perguntas e respostas em duplo sentido



Fuente: Schwartz, Y. et Durrive, L. (2003: 269).

3.1. Nos Estudos de Recepção

Em nossa aplicação, no eixo **A** estão os conhecimentos constituídos no campo da comunicação e de outras disciplinas: a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Lingüística, e que permitem dar forma ao que denominamos de Estudos de Recepção.

No eixo **B**, temos a atividade concreta de emissão/recepção que todo sujeito faz ao se relacionar com outros, no caso, os discursos que circulam no mundo do trabalho (da empresa, dos sindicatos, dos colegas de trabalho, etc.). É sempre específica e imensurável.

No eixo **C**, temos a formulação do processo de comunicação no mundo do trabalho como um objeto empírico, formulado a partir de questionamentos originados do desconforto intelectual e que se coloca como conhecimento a ser construído na relação entre os diferentes pólos.

A imagem do cone em espiral quer representar a relação micro/macro-social que toda a abordagem da atividade comporta. Bem como o exercício do questionamento em duplo sentido, que tensionando os conceitos, (epistemologia/ergologia) possibilita a renovação do conhecimento.

3.2. Nas relações de comunicação nas empresas

O Dispositivo dinâmico em três pólos da abordagem ergológica aplicado às relações de comunicação no mundo do trabalho pode ser identificado como:

- *Eixo A*: normas, prescrições e discursos da Organização;
- *Eixo B*: saber investido, cultura real dos sujeitos (*corpo-si*) que estão em atividade de trabalho;
- *Eixo C*: questionamento de como fazer melhor em benefício da vida, da saúde física, mental e emocional; e do viver bem em conjunto.

Esse esquema ajuda a visualizar o papel que os responsáveis pela comunicação nas organizações (quaisquer que sejam elas) podem desempenhar ao tomarem para si a responsabilidade de aplicar esse dispositivo. A construção de um saber que leve em consideração a atividade humana de trabalho permite reformular os saberes constituídos e renová-los por meio do questionamento que tem por princípio valorizar e priorizar o pólo da atividade como fonte de possibilidades.

Cabe ressaltar que a proposição da abordagem ergológica do Dispositivo dinâmico em três pólos é bastante diferente do proposto por Habermas a partir dos conceitos de ação comunicativa e razão comunicati-

va. A negociação de definições comuns, tendo a linguagem como meio de inter-compreensão, como propõe Habermas, parece muito débil e insuficientemente dialética, afirma Schwartz (2000a: 81), à medida que o pensador alemão desconsidera a atividade humana de trabalho, e remete ao diálogo duas esferas, a do mundo vivido e a do sistema, sem considerar as contradições da sociedade de classes, a relação entre atividade, normas e valores.

O Dispositivo Dinâmico em três pólos permite, pela força do questionamento, confrontar a norma e a experiência pela atividade de trabalho, revelando os conflitos e as contradições sociais e, principalmente, a potencialidade de transformação do sujeito (corpo-si). Essa proposta permite ainda articular a dialética do micro ao macro-social. Dá condições de se compreender como as transformações no mundo do trabalho se articulam com os valores e as normas sociais, e como a realidade do mundo do trabalho transborda para outras instituições e grupos sociais.

BIBLIOGRAFÍA

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max [1947] (1985): *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ALVAREZ, Gabriel O. (org.) (2003): *Indústrias culturais no Mercosul*. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais.

ARAÚJO, Inês Lacerda (2004): *Do signo ao discurso. Introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola.

BAKHTIN, Mikhail (1988): *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.

BENJAMIN, Walter (1994): “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, em *Walter Benjamin. Obras Escolhidas. Mágia e Técnica, Arte e Política*, 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, pp. 165-196.

BENVENISTE, Émile (1966): *Problèmes des linguistique générale*. Paris: Gallimard.

BORGES, Maria Elisa S. (2006): *O rei está nu. Tramas e urdiduras por uma gestão do trabalho*. Tese doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

BOURDIEU, P. (1983): “O campo científico”, in ORTIZ, Renato (org.): *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática.

CABIN, Philippe (coord.) (1998): *La communication. Etat des savoirs*. Sciences Humaines.

CANGUILHEM, G. (1947): “Milieu et norme de l’homme au travail”, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. III, 2. année, France.

CANGUILHEM, G. (2006): *Normal e patológico*, 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

DEFLEUR, M. e BALL-ROKEACH, S. (1997): *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

DORTIER, Jean-François (1998): “La communication: omniprésente, mais toujours imparfaite”, in CABIN, Philippe (coord.): *La communication. Etat des savoirs*. Sciences Humaines, pp. 1-19.

DORTIER, Jean-François (coord.) (2001): *Le langage. Nature, histoire et usage*. Sciences Humaines.France.

DURAFFOURG, Jacques (2003): “Le travail et le point de vie de l’active”, in SCHWARTZ, Y. et DURRIVE, L. (orgs.): *Travail et ergologie. Entretiens sur l’activité humaine*. Toulouse: Octares, pp. 31-68.

EFROS, Dominique (2002): *Travail, guerre et relations sociales. La participation salariée a une entreprise: entre technique de gestion, utopie et engagement de soi*. These doctoral. Université Paris X, Nanterre.

FAÏTA, Daniel (2003): “Le langage comme activité”, in SCHWARTZ, Y. et DURRIVE, L. (orgs.): *Travail et ergologie. Entretiens sur l’activité humaine*. Toulouse: Octares, pp. 159-184.

FAÏTA, Daniel (1990): “Communication et modernisation à l’entreprise”, *Société Française*, n. 37, oct.-nov.-dec., pp. 26-29.

FIGARO PAULINO, Roseli A. (2001): *Comunicação e Trabalho. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação*. São Paulo: Anita/Fapesp.

FÍGARO PAULINO, Roseli A. (2004): “Crítica à ação comunicativa e à razão comunicativa: para entender a comunicação no mundo do trabalho”, *Eptic. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación*, v. VI, nº 2, pp. 54-64.

FÍGARO PAULINO, Roseli A. (org.) (2005a): *Gestão da comunicação no mundo do trabalho, educação, terceiro setor e cooperativismo*. São Paulo: Atlas.

FÍGARO PAULINO, Roseli A. (2005b): “O desafio teórico-metodológico nas pesquisas de recepção”, *Revista e-compós. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, vol. 3, ano II, agosto 2005, pp. 1-15. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/issue/view/3> (acesso em 12-6-2009).

GRAMSCI, Antônio (1978): *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes.

GRAMSCI, Antônio (1977): *Escritos políticos*. Lisboa: [s.n.].

HABERMAS, J. (1999): *Teoría de la acción comunicativa (I e II)*. Madrid: Taurus.

HABERMAS, J. (1989): *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

HALL, Stuart (2003): *Da diáspora. Identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: UFMG/Hitas/Unesco. Organização Liv Sovik.

IBGE (2006): *Sistema de Informação e Indicadores Culturais 2003*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_culturais/2003/ (acesso em 12-6-2009).

LACOSTE, Michele (2000): “Le langage et la structuration des collectifs”, in BENCHEKROUN, T. H. et WEIL-FASSINA, A. (orgs.): *Le travail collectif. Perspectives actuelles en ergonomie*. Toulouse: Octares, pp. 55-70.

LEONTIEV, A. (1976): *Le développement du psychisme*. Paris: Editions Sociales.

LEROI-GOURHAN, A. (1983): *Mécanique vivante. Le crâne des vertébrés du poisson à l'homme*. Paris: Fayard.

LIMA, V. (2001): *Mídia - Teoria e Política*. São Paulo: Perseu Abramo.

MAINGUENEAU, D. (1989): *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes.

MAINGUENEAU, D. (2001): *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.

MARTÍN-BARBERO, Jesús (1993): *De los medios a las mediaciones*, 3ª ed. México: G. Gilli.

MARX, K. (1969): *Le Capital, livre I, chapitre XXXII*. Garnier Flammarion.

MORAES, Dênis (org.) (1997): *Globalização, mídia e cultura contemporânea*. São Paulo: Letra Livre.

MORIN, Edgar (2005): *Cultura de massa no século XX. Vol.1 Neurose*, 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense.

OBA, Luciana H. (1999): *A evolução da mastigação*. Monografia para o Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica e Motricidade. Disponível em: <http://www.cefac.br/library/teses/e96a38f5d4c5bb5dba423110be33b67c.pdf> (acesso em 12-6-2009).

PÊCHEUX, Michel (1988): *Semântica e discurso - Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Edunicamp.

PEIRCE, Charles Sander (2003): *Semiótica*, 3ª ed. São Paulo: Perspectiva.

PERRIER, Alexandre (1997): “De la valeur-travail au travail de valeur”, in SCHWARTZ, Yves: *Reconnaissance du travail. Pour une approche ergologique*. Paris: PUF, pp. 105-122.

SANTANA, Sylvana de C. P. e SOUZA, Nícia Raies M. (2003): “Indústrias culturais: geração de trabalho e emprego”, em ALVAREZ, Gabriel O. (org.): *Indústrias culturais no Mercosul*. Brasília: Instituto de Relações Internacionais.

SCHAFF, Adam (1976): *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Almedina.

SCHAFF, Adam (1967): *O marxismo e o indivíduo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SCHWARTZ, Yves (1988): *Expérience et connaissance du travail*. Paris: Messidor/Éditions sociales.

SCHWARTZ, Yves (1994): *Travail et Philosophie. Convocations mutuelles*, 2ª ed. Toulouse: Octares.

SCHWARTZ, Yves (1997): *Reconnaissance du travail. Pour une approche ergologique*. Paris: Puf.

SCHWARTZ, Yves (2000a): “Discipline epistémique, discipline ergologique. Paideia et politeia”, in MAGGI, Bruno : *Manière de penser, manière d’agir en éducation et en formation*. Paris: Puf, pp. 33-68.

SCHWARTZ, Yves (2000b): *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe*. Toulouse: Octares.

SCHWARTZ, Yves (2000c): “Trabalho e uso de si”. *Pro-Posições. Revista da Faculdade de Educação da UNICAMP*, vol. 11, nº 2 (32), julho, Letras&Letras/UNICAMP, Campinas, pp. 34-50.

SCHWARTZ, Yves et DURRIVE, Louis (orgs.) (2003): *Travail et ergologie. Entretiens sur l’activité humaine*. Toulouse: Octares.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília P. e FAÏTA, Daniel (2002): *Linguagem e trabalho. Construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez.

VATIN, F. (2006): “Origines historiques d’ergonomie e d’ergologie”, Textes et documents, Département D’Ergologie, Université de Provence - Aix-Marseille I. Disponível em: <http://www.ergologie.com> (acesso em 12-06-2009).

VYGOTSKI, L. S. (2005): *Pensamento e linguagem*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

WOLF, Mauro (1992): *Teorias da Comunicação*, 2ª ed. Lisboa: Presença.

WOLTON, Dominique (1998): “Les sciences de communication aujourd’hui”, in CABIN, Philippe (coord.): *La communication. Etat des savoirs*. Editions Sciences Humaines, pp. 49-54.

PARA CITAR ESTE TRABAJO EN BIBLIOGRAFÍAS:

FIGARO, Roseli (2009): “Comunicação e Trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção”, *Mediaciones Sociales. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*, nº 4, primer semestre de 2009, pp. 23-49. ISSN electrónico: 1989-0494. Universidad Complutense de Madrid.

Disponibile en: <http://www.ucm.es/info/mediars>

(*)La autora

Roseli Figaro é professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (Brasil); doutora em Ciências da Comunicação com pós-doutorado no Departamento de Ergologia da Universidade de Provence, França, 2006. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho (www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho). Autora de: *Relações de comunicação no mundo do trabalho* (São Paulo: Annablume, 2008). *Comunicação e Trabalho. Estudo de Recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação* (São Paulo: Editora Anita/ Fapesp, 2001). Organizadora do livro *Gestão da Comunicação. Mundo do trabalho, educação terceiro setor e cooperativismo* (São Paulo: Editora Atlas, 2005). Colaboradora da *Revista Comunicação e Educação* (ECA-USP/Editora Paulinas). Autora de artigos e capítulos de livros que tratam do tema da Comunicação no mundo do trabalho. Também é pesquisadora do Grupo Miroel Silveira, com pesquisas sobre teatro, produção cultural e censura em São Paulo (1930-1970).

RECIBIDO: 3 de febrero de 2009.

ACEPTADO: 11 de junio de 2009.

— |

| —

— |

| —